



"DESPEDIRAM-NO PORQUE NÃO SABIA FALAR."¹ LUCIANO BIANCIARDI FILÓSOFO DO TRABALHO

DOI: 10.48075/ri.v26i1.32525

Angelo Nizza²

RESUMO: No centenário do nascimento do autor e sessenta anos após a publicação de *La vita agra*, é o momento de tomar Luciano Bianciardi como um filósofo do trabalho. Neste artigo pretendo apoiar tal afirmação. Pretendo opor-me a dois modelos sobre a nova natureza do trabalho: "a linguagem como trabalho", "o trabalho como linguagem". O primeiro modelo remonta a Ferruccio Rossi-Landi e tem o seu protótipo no artesanato dos nomes do *Crátilo* de Platão. O segundo modelo pode ser deduzido de uma passagem filosoficamente significativa contida no romance mais importante de Bianciardi. Para além dos resultados ociosos e impolíticos da sua ficção e da sua vida, penso que o modelo de Bianciardi é o mais fiável para compreender o trabalho contemporâneo e para imaginar formas de luta e de fuga ao nosso descontentamento.

Palavras-chave: Linguagem; comunicação; *práxis*; *poiesis*; trabalho.

"THEY FIRED HIM BECAUSE HE COULDN'T SPEAK." LUCIANO BIANCIARDI PHILOSOPHER OF WORK

ABSTRACT: On the centenary of the author's birth and sixty years after the publication of *La vita agra*, it's time to take Luciano Bianciardi as a philosopher of work. In this article I mean to support

¹ A citação completa é "[...]demitiram Carlo, meu nobre amigo e verdadeiro senhor, apenas porque, diziam os outros, os ativistas, ele não conseguia falar, era lento na pronúncia e retardava o ritmo de toda a produção[...]" (Bianciardi, 2008, 107).

² Doutor e professor de Filosofia da Linguagem na Universidade da Calábria, é coordenador da Escola de Verão de Filosofia "Remo Bodei" em Roccella Jonica, organizada pela Associação Cultural Scholé e dirigida por Simona Forti. Membro do conselho editorial da "Rivista Italiana di Filosofia del Linguaggio" (Revista Italiana de Filosofia da Linguagem), publicou em revistas profissionais e coletou livros. Em 2018, fez uma intervenção na Conferência Nacional da Sociedade Italiana de Filosofia da Linguagem (Universidade de Milão). angelo.nizza@gmail.com

such a statement. I intend to oppose two models about the new nature of work: ‘language as work’, ‘work as language’. The first model dates back to Ferruccio Rossi-Landi and it has a prototype in the craftsman of the names in Plato’s *Cratylus*. The second model can be deduced from a philosophically meaningful passage contained in Bianciardi’s most important novel. Beyond the idle and impolitic outcomes of his fiction and his life, I think that Bianciardi’s model is the most trustworthy one for understanding contemporary work and for imagining forms of struggle and of escape from our discontent.

Keywords: Language; communication; *práxis*; *poiesis*; work.

INTRODUÇÃO

Há uma percepção do escritor italiano Luciano Bianciardi (1922-1971) que, como destaca Paolo Virno (2002, 46), tem “um indubitável valor teórico”. Para apreciá-la plenamente, é necessário desligá-la das conclusões ociosas e apolíticas de *La vita agra*, romance que a contém e que narra o insucesso político-revolucionário do protagonista e a sua gradual e sofrida integração na indústria cultural italiana³. Cem anos após o nascimento do autor e sessenta anos após a publicação da obra, é hora de Bianciardi ser plenamente legível como filósofo do trabalho. Neste artigo, que retoma o ensaio escrito para o número 2/2023 da revista italiana de filosofia da linguagem dedicada à *Linguagem e economia*, gostaria de justificar tal afirmação.

Na Itália, Bianciardi foi o primeiro trabalhador intelectual precário: tradutor freelancer, jornalista e autor de narrativa. Ele se formou em filosofia na *Scuola Normale Superiore de Pisa* (seu trabalho final foi sobre John Dewey, 1948) e, por um breve período, deu aula de filosofia no Liceu Clássico de Grosseto (Toscana), antes de ser nomeado diretor da Biblioteca *Chelliana* (1951)⁴. O seu perfil constitui uma desvantagem para a tese que se quer demonstrar, porque Bianciardi não é um filósofo profissional: não escreve ensaios nem tratados, não ministra aulas ou seminários. Ao mesmo tempo, porém, a sua antifilosofia marca um ponto a favor de quem escreve porque consente de lhe atribuir a habilidade de observar certos fenômenos, por exemplo o do trabalho, com olhos livres de preconceitos metafísicos e, portanto, capazes de não apenas de se maravilhar diante das coisas que vê, mas também de penetrá-las, manuseando-as com grande imaginação.

O uso filosófico de Bianciardi não é nada linear. O artigo segue, portanto, um itinerário por etapas, a última culmina na teoria bianciardiana do trabalho. A primeira etapa

³ A chamada *Trilogia da Raiva* inclui, além de *La vita agra* (1962), também *Il Lavoro cultura* (1957) e *L'integrazione* (1960).

⁴ Para uma biografia intelectual ver Corrias (2011).

(§2) tem por objetivo ilustrar a passagem do fordismo ao pós-fordismo através de algumas reflexões sobre alguns indícios: uma propaganda e um fato empírico. O segundo momento (§ 3) visa expor as linhas gerais da constelação linguagem-comunicação-trabalho, distinguindo dois modelos principais: *linguagem como trabalho e como comunicação; trabalho como linguagem e como luta*. O terceiro (§ 4) e o quarto (§ 5) momentos do percurso são dedicados à gênese de cada um dos dois modelos mencionados, utilizando no primeiro caso o *Crátilo* de Platão e no segundo *La vita agra* de Bianciardi.

UM WHATSAPP ENCURTA A VIDA

Nos anos 90, a empresa italiana de telecomunicações promoveu os seus serviços com uma célebre publicidade realizada de acordo com o esquema fordista “enquanto trabalha, não fala”. Ambientada em um forte no deserto, o comercial tinha como protagonista um prisioneiro que estava prestes a ser fuzilado por um pelotão de policiais. O capitão pediu ao condenado à morte que fizesse o seu último pedido e mandou trazer um telefone: a chamada interrompeu o trabalho dos soldados e *prolongou* a vida do homem.

Quando você atira, você não fala. Apenas o capitão tem o direito de falar para instruir seus subordinados, que devem cumprir a ordem em silêncio. E o prisioneiro, esgotado o seu último desejo, deve morrer mudo, porque também ele é uma peça da engrenagem e não lhe é permitido dizer uma palavra. Mas se o último desejo é fazer um telefonema, então o processo de trabalho é bloqueado e o prisioneiro salva a pele.

No fordismo, se a linguagem entra no trabalho, obtêm-se dois resultados: a. o tempo de trabalho é suspenso; b. o tempo de vida é prolongado *além e contra* o trabalho. Esse dado, isto é, a forte oposição entre linguagem e trabalho ligada à capacidade da primeira de praticar atos de sabotagem contra o segundo e, portanto, dificultar o tempo trabalhado em favor do tempo vivido, está sintetizado na expressão *La Parole ouvrière* (Faure, Rancière, 1976). Como observam alguns expoentes da linguística do trabalho francesa, por exemplo Boutet e Gardin (2001, 92), o artigo definido 'a' indica que a palavra trabalhador deve ser identificada univocamente com aquela pronunciada em oposição ao trabalho, no seu *exterior*, com o objetivo de contestá-lo e negá-lo. A observação é interessante porque o objetivo é justamente tomar o lugar da palavra no fordismo. Boutet e Gardin conseguem fazer isso olhando para o estudo de Faure e Rancière que reúne as brochuras, artigos, cartas, poemas e manifestos produzidos pelos trabalhadores franceses

entre 1830 e 1851 durante os movimentos revolucionários que foram derrotados em 1848 pela aliança reestabelecida entre a burguesia e o exército, de que o outro Bonaparte, ou seja, Napoleão III, era a efígie. É no mesmo período que levará Marx e Engels a escreverem o *Manifesto* e sempre Marx, cerca de vinte anos depois, no primeiro livro de *O Capital*, afirmará que para descrever o trabalho não há «necessidade de apresentar o trabalhador em relação com outros trabalhadores» (Marx, 2006, trad. da edição it., 132). A questão é: trabalho, então nenhuma interação comunicativa; comunicação, então nada de trabalho. O engenheiro Taylor funda a organização científica da produção precisamente sobre essa tese.

Hoje as coisas não são mais assim. E é significativo que em 2000, a nova empresa de telecomunicações - Telecom - tenha tomado medidas e corrigido aquele comercial já anacrônico. Agora, linguagem e trabalho não denotam procedimentos e tempos alternativos, mas estão ambos integrados num fluxo contínuo de palavras e atos produtivos. No novo esquema os soldados atiram, o prisioneiro fala e sobrevive e se torna parceiro deles. No papel de jaqueta à prova de balas está um laptop, símbolo das tecnologias de comunicação hoje incorporadas ao processo de trabalho⁵. A mensagem publicitária é explicada por aquelas teorias de desenvolvimento tecnológico que estabelecem uma relação linear de causa e efeito entre inovação e trabalho (Marazzi, 1999, 68). Como se a entrada da linguagem na produção determinasse a diminuição da quantidade de trabalho, porque é um processo que tem como unidade de medida a capacidade de falar ao invés de ter como critério a necessidade de terminar em um produto. Para o capital e os seus apologistas, o trabalho linguístico é aquele trabalho sem *fim* que promete o *fim* do trabalho. Como até dois economistas do mainstream (Posner e Weyl, 2018) sabem, isto é um truque: não se trata do fim do trabalho, o tempo da vida não substitui o tempo trabalhado libertando o ser humano das necessidades e do cansaço. Pelo contrário, o trabalho linguístico é um trabalho sem *fim*: não só não tem um seu fim no produto externo, mas também e sobretudo não tem fim algum, não tem *fim*. Isso é dito muito bem por Cristina Morini (2022), em "*Vite lavorate*", que faz um balanço muito fecundo de pesquisas sobre a feminização do trabalho. Para compreender a conexão entre a linguistização do ciclo de trabalho e o «trabalho das vidas» (Ibid., 61), devemos procurar fazer uso dos atributos socioculturais das atividades reprodutivas femininas (criar relações, criatividade, regeneração dos relacionamentos, aptidão para ouvir). A «feminização da “natureza” do trabalho contemporâneo» (Ibid, 37)

⁵ Data as labor (Posner, Weyl, 2018, 205 e seguintes).

provoca a ruptura da distinção entre produção e reprodução, trabalho produtivo e trabalho improdutivo, tempo de trabalho e tempo de vida.

Na capital do século XXI, não vale mais o slogan *Um telefonema prolonga a vida*. Em vez disso, estamos lidando com um mundo em que o WhatsApp encurta o tempo de vida porque aumenta o tempo de trabalho:

Deslocadas as dicotomias fundadoras, baseadas no tempo, na troca, numa medida de valor que se baseava em elementos materiais e quantitativos, a *máquina* contemporânea (as tecnologias do capitalismo de plataforma) consente prolongar a jornada de trabalho de todos e de cada um, que é dada gratuitamente ao capital. E de mudar a forma do *trabalho* (Ibid., 59).

Não é do fim do trabalho que se trata, mas do fim da vida, na medida em que a existência é integralmente voltada para o trabalho produtivo. Para além do capitalismo de plataforma sobre o qual insistem estudos como Casilli (2020) e Srnicek (2017), o uso desenfreado do Whatsapp em qualquer ofício ou profissão constitui a prova, que todos podem experimentar diariamente, da completa sobreposição entre vida e trabalho. Ou seja, refiro-me ao uso da plataforma de mensagens telefônicas como um verdadeiro instrumento de trabalho, portanto, ao fato de estarmos conectados 24 horas por dia com a produção de informações e dados que contam como trabalho prestado⁶. Trabalho entregue, trabalho produtivo, trabalho ininterrupto, mas não reconhecido. Não mensurável, simplesmente gratuito. Vivemos numa época na qual o ato mais subversivo coincide com a recusa de ser inserido em chats e grupos de colegas e chefes, atraindo antipatias e atitudes de bullying e, em certos casos, provocando demissão. A menos que você apresente a carta da demissão antecipadamente (Coin 2023).

LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO, TRABALHO

Comunicação e trabalho. Apoiar hoje a tese da conexão entre linguagem e comunicação não é apenas um modo de fornecer uma representação restrita do ato linguístico. É também um gesto de conotação política, que achata a linguagem sobre o trabalho. Deduzir o uso da linguagem da comunicação – há uma mensagem que um emissor produz e pretende transmitir a um destinatário – significa torná-la um instrumento de

⁶ «Data as labor» (Posner, Weyl, 2018, 205 e seguintes)

trabalho adequado ao capital do século XXI. Dizer “linguagem como comunicação” é o mesmo que dizer «linguagem como trabalho» (Rossi-Landi, 1968).

Um exemplo não é a habitual agência de marketing ou o call center, mas sim a escola e a universidade. Na Itália, nos últimos trinta anos, a escola transformou-se num «lugar sem estudo» (Starnone, 2022, 339). A linguagem do trabalho na escola não está mais ligada à *episteme* e muito menos à *phronesis* (o mesmo pode ser dito da universidade). É uma linguagem que serve para produzir e comunicar conteúdos funcionais à *techne*, ao saber instrumental direcionado ao sucesso pessoal, à competição, ao mercado. Os termos do problema são os seguintes: o destino do trabalho do intelectual é inseparável do processo de intelectualização da totalidade do trabalho contemporâneo. Quer dizer: a linguagem cada vez mais mecanizada das salas de aula escolares e universitárias é um fenômeno que deve ser compreendido - teórica e empiricamente - na integração histórica das capacidades intelectuais genéricas do ser humano no trabalho vivo. Tal entendimento comporta duas consequências. A primeira: a decadência da figura do intelectual burguês, já incompatível com o estreitamento capitalista da fronteira entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. A segunda: a falta de reconhecimento social e econômico do intelectual na medida em que a intelectualidade de massa provoca inevitavelmente a inflação do valor de uso e do valor de troca do seu trabalho. Todavia, para não jogar fora coisas que ainda servem, é urgente, como sugere um mestre da teoria materialista da linguagem e do trabalho, adquirir a *consciência de classe* que

a destruição da consciência cultural tradicional abre caminho para processos de reflexão proletária, para a libertação, isto é, das ficções idealistas de propriedade, e isso também permite que os produtores científicos reconheçam nos produtos de seu trabalho o poder objetivo e hostil do capital e, em si mesmos, dos explorados (Krahl 2021, trad.da edição it., 107).

Trabalho e linguagem. O esquema oposto e alternativo que nestas páginas pretendemos remontar a Bianciardi e que consegue descrever de forma mais fidedigna a constelação linguagem-comunicação-trabalho baseia-se no enunciado ‘trabalho como linguagem’. Isso não implica a ligação entre linguagem e comunicação, portanto, não esmaga a linguagem no processo de trabalho. Dizer “trabalho como linguagem” leva em conta que a linguagem *não é* trabalho e que, precisamente por ser separada e oposta, o trabalho a ocupa, a absorve em si mesmo.

A linguagem serve para pensar e agir no mundo, mostrando-se “aos olhos dos outros” (Arendt, 2014, trad. da edição it., 131). Retomando as categorias aristotélicas caras a Hannah Arendt, pode-se afirmar que a linguagem está fora do trabalho e é essencialmente *práxis* e não *poiesis*. A ocupação capitalista da linguagem no trabalho é um fato histórico, que se configura, por um lado, como o êxito do desenvolvimento de forças produtivas cada vez mais baseadas na ciência incorporada nas máquinas e no *intelecto geral* infundido nos corpos dos trabalhadores e, por outro lado, como a resposta violenta da capital às demonstrações internacionais da autonomia da linguagem em relação ao trabalho durante os anos 60 e 70.

Uma vez que se consumou o devir linguístico do trabalho, a linguagem torna-se um fator econômico, serve para produzir e a sua eficácia depende do de utilizá-la como instrumento comunicativo. Além de constituir um coerente critério epistemológico, o enunciado “trabalho como linguagem” é útil politicamente porque conserva a antinomia trabalho-linguagem e sublinha o excedente da linguagem sobre o trabalho. Ou seja, mantém um distanciamento entre trabalhar e falar dentro do qual sobrevive a potência de renunciar ao uso comunicativo da linguagem, de rejeitar a sua finalidade de trabalho. Renunciar e refutar como premissa da *práxis* (Virno, 2021).

Linguagem e luta. A alternativa à comunicação é a linguagem como *luta*. A esse respeito, é significativo que no *Eutidemo* de Platão o paradigma da luta seja pensado como a solução que se opõe ao paradigma da exatidão dos nomes. Parece-me um gesto digno de nota porque, no parágrafo seguinte, o modelo platônico do *orthotes onomaton* será levado em consideração na tentativa de explicar o esquema rossilandiano (Rossiland) da linguagem como trabalho.

No início do diálogo, Sócrates apresenta ao leitor e ao seu interlocutor Críton as figuras de Eutídemo e Dionisodoro. São imigrantes, nômades, praticam o pancrácio e «são verdadeiros especialistas em qualquer tipo de luta» (Platão, *Eutídemo*, trad. da edição it., 271c), capazes de combater não só com o corpo e com as armas, mas «extraordinariamente fortes na luta nos tribunais [...] ninguém poderia de forma alguma se opor a eles, de tão hábeis que eles se tornaram no *combate com as palavras*” [*logos machomai*] (Ibid., 271d-272a, *italico meu*). Segue a primeira das três performances dos sofistas (Ibid., 275d-277c) que trata de num dos temas clássicos da filosofia socrático-platônica, a saber, o que significa 'aprender': aprender (*manthano*) algo significa que, basicamente, alguém está em uma condição de ignorância ou de sabedoria? Enquanto alguém aprende, ele já sabe

alguma coisa ou não? Antes que a infeliz vítima, isto é, Clíncias, sucumba aos golpes de Eutídemo e Dionisodoro, Sócrates intervém e, para salvá-lo, declara: «antes de mais nada [...] é preciso aprender a exatidão dos nomes» (Ibid., 277e) . Os dois estrangeiros usam o termo 'aprender' uma vez como *manthano* = aprendo algo sem ter nenhum conhecimento prévio; uma outra vez como *synimi* = compreender algo, já possuindo conhecimento. Eles manejam as palavras explorando as sinonímias e os duplos sentidos derivantes do sistema de relações que dá substância à língua e que expressa o valor dos signos independentemente da sua correspondência com as coisas. As palavras não servem para eles comunicarem nada, não há nada antes da linguagem que a linguagem comunique. Não existe um uso correto de palavras que esteja em conformidade com a coisa, porque as coisas não preexistem às palavras. Existem as palavras e os atos que com elas se realizam: o fato de lutar deve ser entendido dentro desses atos linguísticos e, de fato, é o ato que permite a sobrevivência do falante-lutador, colocando-o em condições de sempre se reapropriar do poder da palavra.

CRÁTILLO E CAPITAL

A tese exposta no *Crátilo* platônico é significativa porque ajuda a reforçar o nosso domínio sobre a ligação linguagem-comunicação-trabalho. Anteriormente (§ 3), tentei mostrar a implicação que liga os enunciados “linguagem como comunicação” e “linguagem como trabalho”. Agora, gostaria de percorrer a implicação na direção inversa: se “linguagem como trabalho”, então “linguagem como comunicação”.

O problema do diálogo diz respeito à exatidão dos nomes e Platão contrapõem duas teses. De um lado, a explicação naturalista: há um nome para cada coisa e cada coisa tem um nome próprio, a correspondência entre a linguagem e o mundo é um fato natural. 'Cachorro' representa o meu amigo de quatro patas porque a sequência de sons de c-a-c-h-o-r-r-o está naturalmente predisposta a se conectar ao significado que se refere ao lobo domesticado. Há uma ligação necessária entre a palavra e o seu objeto, a relação – lembrando as categorias da linguística saussuriana – não é *desmotivada*, não é *arbitrária*.

De outro lado, a concepção histórico-social ou convencionalista: as coisas têm um certo nome até que esse uso vigorar na comunidade humana que fala uma determinada língua. Em italiano dizemos 'cachorro' para nos referirmos ao cachorrinho habitual que mora dentro de casa, porque afinal a partir de Dante nos acostumamos a usar esse tipo de significante para exprimir aquele significado.

Platão, pela boca de Sócrates, intervém para resolver a disputa e oferece uma terceira opção. A solução se encontra numa espécie de antecipação da teoria das ideias que o filósofo desenvolve em seus diálogos mais maduros. 'Cachorro' significa aquele *cocker* ao qual me afeiçoei porque o cachorro deve ser assumido como um objeto ideal e é a esse objeto que o nome se refere. Para Platão, os nomes não correspondem imediatamente às coisas nem por natureza nem por convenção histórico-social, a correspondência entre linguagem e mundo é um efeito da ideia que atua assim não apenas como critério ontológico e cognitivo, mas também como unidade de medida do que pode ser dito. Há algo de extralinguístico que fundamenta o uso correto dos nomes. A questão é, como acontece frequentemente nas relações platônicas entre o mundo aqui em baixo e o seu fundamento metafísico, aquele de estabelecer uma ligação que organize a separação (*chorismos*). No caso da exatidão dos nomes, a solução consiste no trabalho de um ser humano *onomatúrgico*: um artesão capaz de traduzir em uma sequência de sons como c-a-c-h-o-r-r-o a ideia do nome 'cachorro', aquela expressão já predisposta a nomear o cachorro entendido como *eidos*.

Do movimento de Platão, o aspecto mais significativo reside em ter colocado o trabalho antes do uso⁷. O uso, ligado à prática histórico-social, não é suficiente para que o filósofo dê conta da exatidão dos nomes, porque antes de tudo é preciso esclarecer «quem nos transmite os nomes que usamos» (Platão, Crátilo, trad. da edição ital., 388d9 -10). A *chresis* cede o posto de comando à *techne* de um fabricante de nomes (Ibid., 389a1). O nome para ser utilizado deve ser produzido, é antes de tudo um *ergon*, uma obra no duplo sentido do termo: obra e produto do trabalho. O tema do uso correto dos nomes refere-se, portanto, ao tema da origem (Ibid., 436d4) da linguagem e isto é a linguagem como trabalho. A linguagem como trabalho produz palavras que são ferramentas de comunicação, ou seja, expressões que servem para nomear as coisas, distinguindo-as e para *informar o destinatário* sobre elas⁸.

Platão nos dá uma descrição instrumental da linguagem: se é como trabalhar, então falar é um agir instrumental que visa comunicar/informar sobre as coisas do mundo. As coisas preexistem à linguagem e, uma vez produzidas, o instrumento linguístico as nomeia e as comunica aos outros. É verdade que Platão afirma que só quem utiliza o instrumento - e

⁷ É interessante salientar que mesmo Ferruccio Rossi-Landi (1968, 77-126), tentando conectar Marx com Wittgenstein a fim de encontrar elementos para apoiar a tese da linguagem como obra, critica a noção wittgensteiniana de uso porque seria deixar de fora o âmbito da produção em benefício das esferas de troca e circulação. A solução, segundo Rossi-Landi, está em incluir o uso no trabalho, ofuscando assim uma concepção em que se privilegia o momento da *poiesis* em detrimento da práxis.

⁸ O verbo de Platão é *didaskhein* que significa “ensinar”, mas também significa “informar” (Barney, 2001, 42).

não quem o constrói - julga a sua eficácia, mas o dado antropológico relevante consiste no fato de fazer da linguagem uma *poiesis* e de tornar até o dialético - o tipo humano mais hábil no uso de nomes – dependente do artesão especializado na construção de palavras.

LA VITA AGRA CONTRA BIANCIARDI

A condição para aproveitar a percepção sobre a metamorfose pós-fordista do trabalho contida no romance *La vita agra* consiste em separá-la do contexto narrativo em que está inserida e utilizá-la contra as deduções de caráter existenciais e apolíticas de seu autor.

A grande limitação de Bianciardi, destacada por Italo Calvino às vésperas da publicação do romance (Varotti, 2017, 135), reside na sua incapacidade de traduzir em um sentimento político construtivo as contradições socioeconômicas que é capaz de captar. Ele continua irremediavelmente vítima de uma crise de presença tão potente que o leva, na sua imaginação literária e na vida real, à destruição psicofísica e à morte. Bianciardi é um pioneiro lúcido e sem preconceitos do diagnóstico do trabalho contemporâneo e ainda assim cede à tentação de fugir da vida *agra*, que significa não apenas 'dura' e 'desagradável', mas também 'raivosa', para se colocar na pele de uma vida *arga*, isto é, sem *ergon* (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, trad. da edição it., 1097b-ss), uma vida desprovida de tarefas específicas da espécie, uma existência inoperante.

A *vida agra*. No penúltimo capítulo, o escritor propõe um manifesto de inoperosidade ao imaginar um «neo-cristianismo de fundo desativista e copulatório» (Bianciardi, 2008, 163), uma comunidade anárquica, com uma economia de subsistência baseada na dádiva e nos produtos da terra, em que “as pessoas aprendem a não se mover, a não colaborar, a não produzir, a não criar novas necessidades e, mesmo, a renunciar às que têm” (Ibid., 160). Sem lucro, sem propriedade privada, sem família: «grandes, barbudos, eloquentes, os homens cultivarão nobres paixões, como a amizade e o amor» (Ibid., 162).

Ao considerar o experimentalismo linguístico de Bianciardi e as suas extraordinárias competências como tradutor⁹, parece-me legítimo propor a leitura do título do romance como um anagrama no qual a palavra de origem latina “*agra*” se transforma na expressão grega italianizada “*arga*”. De acordo com o *Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon*, o adjetivo *argos*, além de ter o significado técnico de 'terra não cultivada' (not working the

⁹ Sobre o estilo di Bianciardi, além do estudo de Varotti (2017), ver também Grignani (1992, 89-107).

ground), equivale a 'preguiçoso'/'inativo', 'preguiçoso' / 'lento', 'inativo' (idle, lazy)¹⁰ . Segundo o *Vocabulário Rocci* (1993, 253), o primeiro significado do termo é 'ocioso', 'não trabalhar a terra', 'preguiçoso', 'desempregado', 'que não faz nada', 'ocioso'. A vida *arga* designa a nova antropologia pós-capitalista imaginada por Bianciardi depois de ter constatado «a impossibilidade de qualquer alternativa revolucionária ao sistema» (Varotti, 2017, 143). Com um gesto teórico semelhante ao de Giorgio Agamben (2014), o escritor estende o «ativismo ateleológico» que inerva a produção contemporânea a toda a performatividade humana, tentando assim retirá-la do domínio da economia de mercado e dos mitos da sociedade do espetáculo.

Ao não mais reconhecer o trabalho como *poesis*, mas considerá-lo igual à práxis semobra, o autor extrai uma utopia baseada na inoperosidade que desativa toda a performance: não é tanto a ausência de obras, mas a suspensão completa da característica de performatividade humana dotada de propósitos.

Vida trabalhada. Com Bianciardi, mas também contra ele, proponho entender a existência agra caracterizada pela «agitação frenética sem propósito que condena a vida de todos, mesclada na inescapável lógica da produtividade» (Varotti, 2017, 170), como o equivalente da *vida trabalhada*, isto é, de um modo de viver essencialmente orientado para o trabalho, que já não distingue o tempo de vida do tempo de trabalho. A vida agra é uma vida trabalhada, porque é a vida daqueles que integraram a linguagem no trabalho, dando assim evidência empírica, por um lado, a um conceito amplo de *trabalho produtivo* que não pode ser reduzido à ação instrumental, mas que é cada vez mais descritível em termos de ação comunicativa e, por outro, à definição de *força de trabalho* como «o conjunto de *aptidões físicas e intelectuais* que existem na corporeidade, isto é, na personalidade viva de um homem» (Marx, 2006, trad. da edição it., 120, *itálico meu*).

Leiamos, portanto, o trecho mais marcadamente filosófico do romance:

O fato é que o agricultor pertence às atividades primárias e o operário às secundárias. Um produz do nada, o outro transforma uma coisa em outra. O critério de avaliação, para o operário e para o agricultor, é fácil, é quantitativo: se a fábrica produz tantas peças por hora, se a fazenda produz. Nas nossas profissões é diferente, não há critérios quantitativos. Como se mede a competência de um padre, de um publicitário, de um PRM? *Eles não produzem do nada nem transformam*. Eles não são primários nem secundários. São terciários e, na verdade, ousado dizer, se o marido de Billa não se opuser, até mesmo do quarto setor. Não são ferramentas de produção, nem mesmo correias de transmissão. São lubrificantes, no máximo, vaselina pura. Como avaliar um padre, um publicitário, um PRM? Como calcular a quantidade de fé, de desejo de compra e de simpatia que terão

¹⁰ Ver a edição online de *LSJ* (<http://stephanus.tlg.uci.edu/ljsj/#eid=1>).

conseguido despertar? Não, não temos outro critério senão a capacidade de cada pessoa de se manter à tona para subir mais alto, em suma, para se tornar bispo. Em outras palavras, *aos que escolhem uma profissão terciária ou do quarto setor necessitam de competências e aptidões políticas.* [...] Nas profissões terciárias e e do quarto setor, *como não há uma produção visível de bens que sirva de parâmetro, o critério será o mesmo* (Bianciardi, 2008, 108-109, *italico meu*).

Desenvolvo o comentário em três pontos. Primeiro: Bianciardi intercepta a nova configuração do trabalho produtivo na sobreposição entre *poiesis* e *práxis*. A produção de valor é sempre menos descritível em termos de ação técnico-instrumental e, de fato, produzir para o capital significa cada vez mais usar aquelas formas de fazer que tradicionalmente qualificam o trabalho improdutivo: atividades que resultam em performances com um elevado nível de comunicação e que não terminam em produtos externos, mas têm como objetivo o sucesso virtuoso. Segundo: o esquema que descreve a transformação da natureza do trabalho consiste em afirmar o *dever práxis da poiesis*. O fato de produzir comporta de uma noção ampla de *poiesis* que inclui em si o seu oposto. Terceiro: integrar a *práxis* na *poiesis* implica uma noção de trabalho baseada na identidade entre ação e produto. Se a ação virtuosa e comunicativa se torna o fator determinante do trabalho, então o trabalho se torna uma performance sem obra¹¹.

A estes três pontos, que a meu ver representam as três teses contidas no texto, devem ser acrescentados dois corolários. Um: o contraste entre a percepção de Bianciardi e a tese de Rossi-Landi sobre a linguagem como trabalho deriva da afirmação do *dever práxis da poiesis*. O argumento do linguista marxista, na verdade, gira em torno do esquema que inverte sujeito e predicado (*tornando-se poiesis da práxis*). Anteriormente (§ 4), procurei mostrar as desvantagens teóricas e empíricas desta tese: a redução da linguagem à comunicação; a redução da linguagem no trabalho. Além disso, utilizando um paradigma ilustre, isto é o artesanato dos nomes apresentado no *Crátilo* de Platão, tentei relacionar a redução da linguagem ao trabalho com o fato de reduzi-la à comunicação. Dois: o que na análise da indústria cultural de Adorno e Horkheimer é descrito «como obscuro e como metafísica verbal» (Adorno, Horkheimer, 1966, trad. da edição it., 177) e, portanto, é «banido» do sistema porque não é funcional ao processo de trabalho da linguagem e, portanto, ao fato de «a linguagem se resolver em comunicação» (Ibid., 176), tudo isso é concebido por Bianciardi como a nova base do trabalho produtivo. A sociedade do espetáculo é, sim, aquela

¹¹ No romance, fica claro o quanto o autor se surpreende com suas próprias percepções, que aos seus olhos registram uma exceção à regra do trabalho operário. Contudo, para efeitos de uma epistemologia do trabalho contemporâneo, há aqui o esboço de uma tese que antecipa a do “trabalho sem teleologia”, no centro da análise operária de Virno (2011). Dito isso, fica claro que as tendências anárquicas e ociosas de Bianciardi o tornam incompatível com a pesquisa operária que se formava nos anos de *La vita agra*.

em que floresce a indústria cultural descrita por Adorno e Horkheimer, que produz comunicação por meio de comunicação segundo os padrões do trabalho de fábrica, mas é também e sobretudo aquela em que a linguagem torna-se o modelo universal dos processos de produção. O trabalho linguístico designa um determinado setor econômico e é ao mesmo tempo, com Debord (2013, trad. da edição it., 57), a «exposição geral da racionalidade do sistema».

No capitalismo contemporâneo, para ser profissional e ter sucesso é preciso aprender a trabalhar falando e não a utilizar o produto final como unidade de medida do trabalho. O trabalho linguístico é, por definição, sem medida, é fundamentalmente um trabalho gratuito e é precisamente por essa razão que deve ser reconhecido como um rendimento incondicional separado do salário. O devir linguístico do trabalho tem algo de perturbador (o *unheimliche* de Freud) porque capta a familiaridade na estranheza: identifica precisamente na linguagem, isto é, no inimigo do trabalho, o elemento que agora se torna familiar. De duas uma: ou o desconforto se transforma em solidão inativa e cirrose hepática como acontece em Bianciardi, ou deve ser superado, dando lugar a exemplos de *laboriosidade do comum*¹².

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. *L'uso dei corpi*. Vicenza: Neri Pozza, 2014.

ARENDT, H. *Vita activa*. trad. it. Milano: Bompiani, 2014.

ARISTOTELE *Etica Nicomachea*. trad. it. Roma-Bari: Laterza, 1999.

BARNEY, R. *Names and Nature in Plato's Cratylus*. New York: Routledge, 2001.

BIANCIARDI, L. *La vita agra*. Milano: Bompiani 2008.

BOUTET, J., GARDIN, B. *Une linguistique du travail*, in BORZEIX, A., FRAENKEL, B., *Langage et travail. Communication, cognition, action*. Parigi: CNRS Éditions 2001, pp. 89-112.

CASILLI, A., *En attendant les robots. Enquête sur le travail du clic*. trad. it. Milano: Feltrinelli, 2020.

¹² Durante mais de quinze anos (final anos 90 - outubro de 2018, quando o prefeito foi preso), antes de ser eliminada pelo Ministério do Interior, na cidadezinha calabresa de Riace - sul da Itália - vivia uma comunidade de *philoxenoi* e novos metecos, animada por um espírito anticapitalista e antifascista, que suspendeu algumas normas dominantes do direito e da economia: a oposição amigo-inimigo, a prioridade do consumo sobre as práticas de uso e o trabalho de cuidado, a identidade vida-trabalho, o nexo propriedade-lucro. Riace não pode ser dissociada de outros exemplos de *laboriosidade do comum*: centros socioculturais de produção e distribuição de bens e serviços, sindicalismo para trabalhadores autônomos e precários, associações independentes e baseadas no autofinanciamento, comissões de reapropriação dos espaços da cidade.

- COIN, F., *Le grandi dimissioni. Il nuovo rifiuto del lavoro e il tempo di riprenderci la vita*. Torino: Einaudi, 2023.
- CORRIAS, P., *Vita agra di un anarchico. Luciano Bianciardi a Milano*. Milano: Feltrinelli, 2011.
- DEBORD, G., *La Société du Spectacle*. trad. it. Milano: Baldini&Castoldi, 2013.
- FAURE, A., RANCIÈRE, J., *La parole ouvrière*. Parigi: Union Générale d'Éditions, 1976.
- GRIGNANI, M. A. *La lingua agra*. in Abati, Velio et alii, *Luciano Bianciardi tra neocapitalismo e contestazione*. Roma: Editori Riuniti, 1992, pp. 89-107.
- HORKHEIMER, M., ADORNO, T. W. *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente*. trad. it. Torino: Einaudi, 1966.
- KRAHL, H.-J., *Konstitution und Klassenkampf. Zur historischen Dialektik von bürgerlichen Emanzipation und proletarischer Revolution*. trad. it. Verona: Ombre corte, 2021, pp. 90-115.
- Liddell-Scott-Jones Greek-English Lexicon*, (<http://stephanus.tlg.uci.edu/ljsj/#eid=1>), lemma 'argos'.
- MARAZZI, C., *La svolta linguistica dell'economia e i suoi effetti nella politica*. Torino: Bollati Boringhieri, 1999.
- MARX, K., *Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie Buch I: Der Produktionsprozess des Kapitals*. trad. it. Roma: Editori Riuniti, 2006.
- MORINI, C., *Vite lavorate. Corpi, valore, resistenze al disamore*. Roma: manifestolibri, 2022.
- PLATONE, *Cratilo*. trad. it. Roma-Bari: Laterza, 2018.
- PLATONE, *Eutidemo*. trad. it. Milano: Bompiani, 2015.
- POSNER, E. A., GLEN WEYL, E. *Radical Markets. Uprooting Capitalism and Democracy for a Just Society*. Princeton: University Press, 2018.
- ROCCI, L., *Vocabolario greco italiano*, 37a edizione. Roma: Società editrice Dante Alighieri 1993, lemma 'argos'.
- ROSSI-LANDI, F., *Il linguaggio come lavoro e come mercato*. Milano: Bompiani, 1968.
- SRNICEK, N., *Platform Capitalism*. trad. it. Roma: Luiss University Press, 2017).
- STARNONE, D., *Solo se interrogato*, in STARNONE, D. *La scuola*. Torino: Einaudi, 2022, pp. 329-473.
- VAROTTI, C., *Luciano Bianciardi, la protesta dello stile*. Roma: Carocci, 2017.
- VIRNO, P., *Grammatica della moltitudine. Per una analisi delle forme di vita contemporanee*. Roma: Derive Approdi, 2002.
- VIRNO, P., *Convenzione e materialismo. L'unicità senza aura*. Roma: Derive Approdi, 2011.

VIRNO, P., *Dell'impotenza. La vita nell'epoca della sua paralisi frenetica*. Torino: Bollati Boringhieri 2021.

TAYLOR, F., *The Principles of Scientific Management*. trad. it. Milano: Etas 1967

